

Previsão do BC para o PIB supera expectativas

Maioria das projeções do mercado indica crescimento médio em torno de 4%

VALDETE CECATO
e FERNANDO DANTAS

Ao prever um crescimento de 4,5% para a economia brasileira em 2001 – na hipótese da taxa de juros básica manter-se constante em 15,75% ao ano – o Banco Central (BC) traçou um dos cenários mais otimistas, entre os muitos produzidos pelo mercado e o governo.

Até agora, a maioria das projeções que vinham sendo feitas pelas instituições financeiras e consultorias econômicas indicavam em média que o Produto Interno Bruto (PIB) cresceria, no máximo, em torno de 4%, levando-se em conta uma redução gradativa nas taxas de juros. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) vem trabalhando com um intervalo de crescimento um pouco mais elevado: entre 4% e 4,5% em 2001.

O otimismo nas previsões para o PIB repete-se também nas previsões do BC para o saldo da balança comercial. Neste caso, o BC trabalha com a hipótese de um cenário mais confortável devido, principalmente, “à continuidade do bom desempenho das exportações de manufaturados, estimuladas pela recente depreciação do Euro, e da redução das quantidades importadas e das cotações internacionais do petróleo”.

Como resultado desta conjuntura favorável, o ano de 2001 deverá terminar com um superávit de US\$ 1 bilhão na conta das exportações e importações. A maioria das previsões feitas pelo mercado e por instituições especializadas indica déficit ou um superávit menor do que o previsto pelo Relatório de Inflação do BC. A Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) trabalha com três cenários, sendo que o mais provável é um déficit comercial de US\$ 450 milhões. Já a Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet) aposta num superávit de US\$ 500 milhões.

Ousadia – “O BC está com excesso de ousadia e carência de conservadorismo”, afirma o ex-ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. Segundo ele, ao fazer a sua previsão para o PIB levando em conta a manutenção da taxa básica de juros em 15,75%, o BC está indicando que 4,5% pode ser apenas o piso de crescimento. Ou seja, com juros menores, a economia poderia crescer ainda mais.

A dúvida é sobre a viabilidade de crescer 4,5% sem provocar danos à balança comercial, devido a um aumento acima do esperado para as importações. Para o consultor Nathan Blanche, sócio da consultoria Tendências, a previsão é perfeitamente factível. “Estamos crescendo 4% este ano com uma taxa básica média bem mais elevada, entre 18% e 18,5%”, afirma. Inviável é crescer mais do que 4,5%, na sua opinião. “Nós precisaríamos de poupança externa para financiar este crescimento, o que traria pressões sobre a taxa de câmbio, com a consequente corrosão dos salários e da renda”, diz. Para a pesquisadora da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP (Fipe), Zeina Latif, é muito difícil a economia crescer 4,5% com a taxa de juros em 15,75%. “Poderíamos chegar a isso, mas com uma trajetória mais forte de queda nos juros”, diz.

Juros – Blanche lembra que o BC nunca divulgaria uma previsão de taxa de juros ou de variação cambial porque estaria revelando ao mercado a sua estratégia para a política monetária. Ou seja, ao elaborar os seus cenários

CENÁRIO PARA 2001	
Principais indicadores econômicos	
Projeções	
PIB	4,5 %*
Taxa de juros/Selic	15,75% a.a.
IPCA	3,9%
Balança Comercial	Superávit de US\$ 1 bilhão
Petróleo (à vista)	US\$ 25**
Economia Mundial	3%

Fonte: Relatório de Inflação do Banco Central
* a projeção leva em conta uma taxa Selic de 15,75% ao ano
** média

têm que levar em conta juros constantes. Segundo ele, na proposta de Orçamento para 2001 aprovada pelo Congresso, consta a previsão de uma taxa Selic média de 14,25% para o próximo ano. “O que o BC fala é o que cabe no seu

OTIMISMO

TAMBÉM

PARA A

BALANÇA

O comportamento da economia internacional será um fator determinante para a efetivação destas metas, lembra a pesquisadora da Fipe. Segundo ela, o crescimento projetado para o PIB somente será factível se, além de juros mais baixos, a economia argentina entrar em fase de recuperação e a economia americana mantiver o seu “pou-

so suave”.

Política – Outro fator que pode influir no comportamento de economia brasileira no próximo ano é o político. Mailson lembra que o tom dos debates e o rumo das ne-

gociações para a sucessão presidencial podem afetar os prêmios de risco pagos nas captações externas. “Este é um elemento novo para o segundo semestre de 2001”, afirma.

Blanche concorda. Segundo ele as pressões políticas podem tornar-se a grande vulnerabilidade da economia. “Espero que o processo político brasileiro não seja um retrocesso para a política econômica”, afirma.